

Documento de Registro de Entrevista para o site de memórias MHEPTCPS

Centro Paula Souza

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Oliveiro Basilio Bassetto Júnior

Escola Técnica Estadual Orlando Quagliato

Santa Cruz do Rio Pardo/SP

2021

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora / Instituição: Janice Zilio Martins Pedroso da Etec Orlando Quagliato, em Santa Cruz do Rio Pardo/SP

Levantamento de dados preliminares a entrevista: -

Elaboração do roteiro da pesquisa: Janice Zilio Martins Pedroso

Local da entrevista: Santa Cruz do Rio Pardo, via Google Meet

Data: 16 de abril de 2021

Técnico de gravação: -

Duração: 42 minutos

Número de vídeos: 2 (vídeos)

Transcritora: Janice Zilio Martins Pedroso

Número de páginas: 15

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores”, durante a capacitação Clube de Memórias XXXVI, proposta pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica, na Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza, entre fevereiro e abril de 2021, com o entrevistado Oliveira Basílio Bassetto Júnior, conhecido por Juninho Bassetto, ex-aluno da Etec Orlando Quagliato do curso de Técnico em Agropecuária integrado ao Ensino Médio no período de 1985 a 1987; a escolha se deu porque atualmente é empresário e empreendedor no ramo de horticultura e equipamentos

de irrigação, atuando em outros países, tendo adquirido seus conhecimentos básicos junto à Etec Orlando Quagliato. Nos momentos em que a imagem da entrevistadora aparece no vídeo, na legenda aparece o nome de Homell Pedroso, justifica-se por ter utilizado a conta particular de seu marido para efetuar a gravação.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 20 de abril de 2021

Nome da transcritora: Janice Zilio Martins Pedroso

Notas:

- A gravação ocorreu em 2 vídeos sendo o Vídeo 1 com 34 minutos de gravação; Vídeo 2 com 8 minutos de gravação.
- No primeiro vídeo ocorreu uma queda no sinal da transmissão aos 33 min e 41 seg.

Janice Zilio Martins Pedroso (JZMP): Ok. Tudo bem Juninho?

Oliveiro Basilio Bassetto Júnior (OBBJ): Bom dia. Tudo bem e você?

JZMP: Tudo jóia. Eu sou a professora Janice Zilio Martins Pedroso e agradeço muito a sua disposição de estar aqui nessa manhã, deixando seus afazeres de lado, Oliveiro Basílio Bassetto Júnior, e poder me conceder essa entrevista, hoje que é o dia 16 de abril de 2021 e por conta da pandemia, nós estamos usando essa plataforma do Google Meet, e essa entrevista vai para o Centro de Memória da Etec Orlando Quagliato, em Santa Cruz do Rio Pardo, que será difundida no “Programa História Oral da Educação” do Centro Paula Souza, que tem um site de memórias onde ficam registradas as histórias e as memórias de todas as instituições do Estado. Bom, então nós vamos iniciar esse bate papo bem descontraído contando um pouquinho sobre a sua história. Então você concluiu a Etec em que ano Juninho, você se lembra?

OBBJ: Concluí em 87, fizemos de 1985 a 1987.

JZMP: Bacana, você fez o curso de Técnico em Agropecuária lá né?

OBBJ: Sim, sim. Na época, era em período integral o curso, e já fazia Agricultura e a Pecuária juntos.

JZMP: Que bacana, esse ano, a nossa escola está completando cinquenta anos de existência aqui no nosso município. Nossa escola é um marco na cidade, mudou a vida de muita gente. Então a gente só tem a agradecer, eu falo que: - assim,, nesse tempo, em que a gente poderia estar comemorando esse cinquentenário na escola, estamos isolados, mas vai chegar o momento.

OBBJ: Não, vamos ter oportunidade de celebrar esse momento.

JZMP: Você poderia nos contar sobre a sua origem familiar e social para essa entrevista de história oral de vida?

OBBJ: Nós somos agricultores uma vida toda. Eu sou o 15º filho, Janice, de uma família de 16 irmãos. Então meus pais nasceram e foram criados na roça. Na época, que eu nasci, nós éramos meeiros de café, a gente não tinha nenhuma propriedade rural, aquela coisa da colonização dos italianos que vieram pro Brasil pra substituir a mão de obra escrava e na verdade trocou a cor dos escravos apenas. Os italianos vieram para fazer a mão de obra pesada a troco de um possível ganho. Em 1975, eu nasci em 69, nós tínhamos uma fazenda que a nossa família cuidava do café, mas não era nossa, era do dono da fazenda, tínhamos uma parceria para produzir esse café. Em 1975 deu uma geada muito forte, a famosa geada de 75, e acabou com esse cafezal e da noite pro dia você imagina; hoje nós estamos vivendo numa pandemia, uma crise; você imagina naquela época sem recurso nenhum, meu pai e minha mãe, quinze filhos vivos não tinham o que comer no dia seguinte, acabou toda a fonte de renda. A partir daí nós mudamos para a cidade numa chácara, dois irmãos mais velhos já estavam casados, ou melhor, três irmãos mais velhos estavam casados e cada irmão foi se adequando em alguma área. Um sabia mexer com trator virou Mecânico, outro gostava de beber, montou um Bar, cada um se ajeitou de algum jeito. Minha mãe fazia muito pão caseiro pra tratar dessa filharada toda e começamos a vender pão na cidade, ai fazia uma horta, vendia verdura na rua e então nossa origem foi essa e depois de muito tempo, graças a Deus, a gente conseguiu comprar um pequeno sítio, que é onde eu tenho minha empresa até hoje, meu pai comprou esse sítio e aí devagar comprou uma parte, outros irmãos compraram uma parte e com o falecimento dos meus pais a gente fez um acordo quando meus pais estavam vivos e aí temos um pedacinho de terra pra poder trabalhar.

JZMP: Eu me lembro do seu pai e da sua mãe na igreja, eram frequentadores da Igreja Santuário, pessoas bacanas. Embora não tenha convivido com eles diretamente, mas a gente sempre se recorda com carinho das pessoas que passam pela vida. Então agora com relação ao Ensino Técnico, o que você poderia contar pra mim, o que esse ensino

técnico contribuiu para suas habilidades, para suas competências profissionais, no gerenciamento geral da sua empresa?

OBBJ: A gente teve o privilégio de ter ótimos professores, nossa turma foi abençoada, tanto é que a pandemia atrapalhou, mas desde quando nós fizemos 30 anos de formados, nós começamos a reunir os alunos da época e alguns professores tiveram condições de participar com a gente. Então eu acho que é a formação do caráter como um todo, aprender a ter autonomia, apesar de bastante novos, com 15, 16, 17, 18 anos de idade a gente já aprendia a se virar naquela época. A gente estranha um pouco, mas são épocas diferentes, formas diferentes de se criar um filho. Hoje é normal um filho de 30 anos estar dentro de casa, mas naquela época, 18 anos, a gente já tinha que ter maturidade suficiente pra se virar mesmo e a escola agrícola contribuiu demais pra esse caráter, pra essa formação, assim como a questão de viver com diversidade de pessoas. Não tinha essa questão de ter nenhum tipo de intolerância, porque ali você vivia com todas as cores, todas as religiões, todos os jeitos e trejeitos e tá bom assim somos normais assim. Então eu acho que isso contribuiu muito para a formação da pessoa como um todo e particularmente pra mim como escola técnica e que eu utilizo até hoje. Então nós vamos falar um pouquinho disso, mas além da empresa de mudas eu tenho a empresa de irrigação, que nós somos o nono fabricante de irrigação no Brasil, a nona fábrica que existe no Brasil, então a Noção da Topografia, das aulas que nós tínhamos aí com o Alemão, depois com Reginaldo; Construções Rurais, que a gente tinha com o Cunha, e diversos outros professores que nos ajudaram a formar tecnicamente para que eu pudesse exercer essa profissão da forma que eu exerço hoje.

JZMP: Aí que bacana e você já citou alguns professores que foram fundamentais para sua formação. Sempre temos aquele professor que recordamos com carinho, e assim, você citou o Alemão, o Cunha e o Reginaldo, assim tem algum específico que você tem alguma lembrança bacana pra citar e compartilhar conosco?

OBBJ: Olha, eu não gostaria de cometer o crime de deixar algum professor pra trás sabe, porque sem dúvida todos eles contribuíram muito, mas certamente aquelas matérias mais técnicas marcaram muito e tem uma professora em específico que não era uma matéria técnica, mas é eu acho que me senti muito acolhido por ela. Ela tinha um jeito muito fraternal de lidar com a gente que era a Mazé. A Mazé dava uma aula assim, ela era, a minha filha fala assim: “nossa é quentinho pai”, então era uma aula quentinha. A gente gostava muito do jeito dela, mas a professora Cidinha, na aula de Zootecnia, puxa vida, é gostoso até hoje olhar para um Apiário e entender como funciona aquilo; uma criação de galinhas e entender como funciona aquilo, então a aula de zootecnia da Cidinha era

fantástica, assim como a aula de culturas com o Altamiro; o Altamiro tinha assim um jeito de explicar, um jeito de brincar, as suas piadas e ao mesmo tempo a forma de levar a sério a matéria dele e o Scarpin. O Scarpin era um espetáculo, a aula prática do Scarpin, ele tinha um jeito de chamar a gente de caboclo, então formou um monte de caboclo bom, e esses outros que eu já citei, o Reginaldo, o Alemão, nas aulas de Topografia, o Cunha, na construções, puxa construções é uma matéria que eu uso no dia a dia. Você vai projetar alguma coisa na propriedade, como que vou fazer isso aqui, que ângulo que tenho que fazer, como que eu tenho que fazer, que estrutura que tenho que fazer. É lógico, a gente contrata engenheiro para isso, mas 90% a gente já sabe o que que é, então esse embasamento pra gente foi fundamental. E desculpe algum outro professor que acabei esquecendo, ou acabei não citando porque a Leni também foi uma pessoa que contribuiu muito com nossa formação de caráter, mas eu não lembro exatamente de todo mundo nesse momento.

JZMP: É muito bacana, eu falo que é o conjunto né Juninho, é o conjunto, a escola é o conjunto é essa interação, essa integração que a gente hoje está sentindo falta hoje na pandemia, a gente só vê o aluno quando ele abre a câmera pra gente. Essa interação que falta bastante. Mas nós temos fé que chegaremos lá. Já que a gente retorna. Você considera que na sua formação profissional, ainda quando você estava na escola que quando você entrou para o mercado de trabalho, você considera que alguma, algo assim que poderia ter sido oferecido para você empreender? Hoje você é um empreendedor, hoje você tem a sua empresa, você já correu outros países levando as suas técnicas e tudo mais. Você acha que alguma coisa poderia ter sido trabalhado lá atrás?

OBBJ: Então, naquele momento, talvez a gente não tinha enxergado a importância disso, ou eu não observei isso, sabe, mas o que me fez falta como profissional hoje e como empreendedor hoje, é trabalhar melhor a disciplina, trabalhar melhor a disciplina no sentido do planejamento, como me organizar dentro de um planejamento, como me organizar dentro de uma agenda de trabalho, metas, estabelecimento de metas, como olhar para meta e partilhar ela em pedacinhos pequenos pra poder ir atingindo isso. Então eu acho que aprender a trabalhar com isso, claro que o tempo vai trazendo essas formações e outros cursos vão nos dando esse embasamento. E outra coisa que eu não aprendi, nem na escola agrícola e nem em casa, e depois a gente aprende com um custo alto isso, é uma Gestão Financeira, é como lidar com o dinheiro, na verdade eu na época, eu tinha medo do dinheiro. Então aquela formação religiosa, você citou agora a pouco a presença de meus pais na igreja e tal, aquela formação que a gente tinha dentro da igreja, que era mais fácil o camelo passar pelo buraco da agulha, do que o rico ir para o céu, puxa eu

quando comecei empreender, isso me dava pânico, porque eu comecei a me dar bem financeiramente, comecei a ter dinheiro, comecei a ter uma condição de vida melhor. E o medo de ir para o inferno? Então como que eu lidava com isso? Até entender que isso era uma simbologia e que o buraco da agulha, na verdade, era um buraco na parede onde o camelo se ele ajoelhasse, ele atravessava, mas eu precisei de uma explicação de um padre pra ele falar: “não, não pisa em ninguém não, trabalhe honestamente e cresça, prospere”. Mas deu trabalho, viu pra reverter essa situação. Eu acho que uma aula de gestão financeira, uma aula de Planejamento Estratégico para o cumprimento de metas, certamente poderia contribuir muito para a formação de um empreendedor.

JZMP: Bacana, eu falo esses jovens; eu desenvolvo uma disciplina na grade curricular da Etec que chama Práticas Empreendedoras e isso aí é muito comum, eu sempre tenho falado que a juventude hoje ela não sabe para que caminho, e trabalhar a Educação Financeira hoje é muito importante dentro das escolas, para o aluno ter essa condição de saber planejar, saber o caminho a tomar, que rumo seguir, então é muito importante. As grades modificaram muito hoje, então a gente tem muitas disciplinas agregadas que facilitam bastante, bem mais a formação dos alunos hoje. Quando você foi definir seu ramo de negócio Juninho, você teve alguma dificuldade ou você já sabia que queria fazer o que você faz hoje?

OBBJ: Por incrível que pareça, eu já sabia. Quando eu comentei com você que nós mudamos para a cidade, eu tinha 6, 7 anos de idade. Nessa fase todo mundo em casa tinha que trabalhar, então era normal isso, todo mundo ajudar dentro de casa. Então o que eu sabia fazer nessa idade era correr, então eu corria para entregar leite na rua. Então desde criança eu ajudava meu pai, meu pai tirava leite e a gente vendia leite de manhã, e eu voltava pra casa e a minha mãe me ajudava alí na horta que ela tinha em casa, que era para o consumo. Mas sobrava verdura e eu botava uma cestinha no braço e ia vender na rua e quando eu entrei na Escola Agrícola, eu entrei com essa intenção, queria aprender a trabalhar mais com a Horticultura, porque eu entendia que aquilo pra diversificar uma pequena propriedade rural, poderia trazer uma rentabilidade quase que diária, porque verdura é uma coisa que se consome todos os dias e pra uma pequena propriedade seria uma grande vantagem; então eu entrei pensando nisso, claro que depois eu sai de lá em 87 sem emprego, sem dinheiro, sem condições de começar o meu negócio, aí fui trabalhar como técnico numa cooperativa, depois trabalhei na prefeitura, e aí comecei a formar a minha base pra começar a construir o meu negócio. Mas falar que eu tinha ideia que ia ficar do tamanho que está, eu não tinha ideia, eu não imaginava que ia se tornar um negócio, pra mim um negócio grande. Hoje nós temos no grupo três áreas que a gente

atua, tem a indústria de mudas, a Hidroceres, que a gente entrega mudas do Rio Grande do Sul a Minas Gerais, o sul de Minas, então temos aí uma logística muito boa pra isso, e são cerca de 100 pessoas trabalhando aqui conosco. Temos a indústria de irrigação por gotejamento, conforme eu falei, com 9 fábricas no Brasil, somente 3 nacionais, então 6 multinacionais. A Brasil Drip que é a nossa fábrica, é a terceira fábrica nacional, é uma indústria então que fabricamos irrigação por gotejamento e temos também a área rural, que estamos começando agora a produzir um pouco de grãos aí e quem sabe num futuro próximo vamos fazer uma área irrigada por gotejamento pra isso. É até uma coincidência, mas pra mim uma feliz coincidência, nós tivemos a oportunidade de comprar o sítio que fica entre o Posto Paloma e a Escola Agrícola, então essa propriedade que tem essa mata da escola agrícola e essa terra até o paloma nós compramos e estamos produzindo aí, então quem sabe nós vamos fazer um projeto com os alunos da escola aí.

JZMP: Quem sabe uma futura parceria aí! Que bacana. Muito jóia ouvir sua história. Quando você resolveu empreender, não sei se você se espelhou em alguém. Teve alguma pessoa, algum familiar que você se espelhou e que você falou esse “cara” eu quero fazer igual ou minha família me orientou, me estimulou a fazer, a prosseguir deu aquele incentivo?

OBBJ: Janice, eu acho que assim, é mesma coisa que eu falar dos professores. Se eu tentar pontuar uma ou duas pessoas aqui eu vou cometer um crime também, eu acho que na nossa vida nós somos recheados de anjos da guarda, que estão sempre ao nosso lado. Mas, assim lá no começo, o jeito da minha mãe, apesar dela ter o terceiro ano de escola apenas, mas o jeito dela incentivar, então valia muito a pena. Então a gente tinha uma horta pequena em casa, e eu, ajudava ela, a semana toda, vendendo verdura na rua, e no final de semana, no domingo, a horta era minha, então ela falava: - o que você vender no domingo de manhã na feira, o dinheiro é seu. Aquele era o meu bônus e poxa vida, eu era um moleque, uma criança e às vezes eu tinha mais dinheiro, que o irmão mais velho meu, que não tinha essa possibilidade ou não fazia dessa forma, então acho que esse tipo de incentivo foi fundamental. O meu pai é um cara de um caráter assim, excepcional, e eu gostaria, apesar de ter o mesmo nome dele, eu gostaria muito de ter 50% do caráter dele e ele, nós estávamos tirando leite no sítio uma vez e não tinha nem o barracão coberto, era o começo do começo. Tinha um piquete cercado de arame farpado para apartar os bezerros das vacas e ali no piquete dos bezerros a gente vinha trazendo as vacas e tirando leite e era um dia de inverno, uma chuvinha fria de manhã, estava amanhecendo o dia, a gente chegava na mangueira era 4 e meia, 5 horas da manhã, estava amanhecendo o dia, aquela garoa gelada e a gente se molhando ali, tirando o leite e tal, e uma vaca bateu na

outra e derrubou, e caiu sobre mim e meu pai tirou e eu fiquei louco da vida com aquilo, e eu achava que aquilo não era vida, e pra piorar tudo tinha um tambor com 50 litros de leite na saída da mangueira e a mesma vaca que caiu sobre mim chutou o balde, literalmente, e derrubou todo o leite no chão. Todo mundo que mexe com retiro de leite, sabe que produzir leite no inverno, é a pior época para se produzir e é óbvio que nós vendíamos leite na rua e não tinha leite aquele dia, e meu pai, nós saímos do sítio e ele não falou absolutamente nada. Eu achei que ele ia matar aquela vaca, então. Não, ele não fez nada, ele só recolheu tudo ali, lavamos tudo, aquele tambor vazio, sem um litro de leite dentro, botou dentro do carro dele e nós fomos lá na porta da Vigor, tinha a antiga Vigor em Santa Cruz que os leiteiros entregavam ali e ele foi negociar leite. Não sei, vou chutar os preços hoje, tá Janice. Hoje o litro de leite deve estar 2 reais, e meu pai comprou o leite por 3, por 4, na porta da Vigor, porque era época de inverno e tinha pouco leite e o leite valia mais. Aí eu falei pai o senhor está comprando leite pra gente entregar para os nossos clientes, mas o senhor está pagando 4 e o senhor vai vender por 4? Aí ele falou: - não, eu combinei 2, eu combinei que é 2, eu vou entregar por 2. Eu falei: - pai mas o senhor não teve culpa que a vaca chutou o balde. E ele falou então: - mas a mulher que tem uma criancinha lá na casa dela, que está esperando o leite, também não teve culpa, então ela não vai pagar por isso. Então aquilo pra mim foi fundamental, sabe pra você olhar para o seu negócio hoje e falar: - o que é meu é meu, e o que não é meu, não é meu. Então nós temos muito orgulho disso, de ter mais de 100 funcionários aqui, todos devidamente registrados e cumprimos todas as questões trabalhistas. Você imagina praticamente 30 anos de negócios, nós tivemos 3 casos trabalhistas, e os casos não precisamos nem fazer acordo, porque na justiça do trabalho nós ganhamos os três casos sabe. Assim como nós temos aí vários fornecedores, que estão com a gente mais de 20 anos, e nós nunca atrasamos um título, e nunca atrasamos um pagamento, então fazemos tudo com compra com nota, tudo venda com nota. Então eu acho que isso nos dá uma vanguarda, nos dá uma condição de estar na frente e essa formação do caráter foi ali sabe e, pra começar efetivamente esse negócio de mudas, quem me apoiou foi meu cunhado Wilian, financeiramente, foi o cara que me bancou ali, falou: - não, vamos começar eu acredito em você, eu acho que você tem potencial. Ele sempre me falava o seguinte: - você tem que estar no lugar certo, na hora certa, com a pessoa certa, e eu posso garantir que ele foi esse cara sabe e a minha eterna namorada Linea, porque puxa vida, a gente se conheceu em 90, 1990. Em 1992, eu comecei a fazer a primeira estufa, e ela está sempre do meu lado, sempre me apoiando, e hoje na verdade eu estou sobrando aqui na empresa. Ela comanda isso aqui com uma delicadeza, que ela tem e ao mesmo tempo com uma vontade, com uma disposição, então

é meu braço direito em absolutamente tudo, inclusive dentro da empresa é minha sócia majoritária aqui.

JZMP: Que bacana. Que legal ouvir isso. Esse processo todo de empreender no seu negócio, você me disse que vocês têm empresas em outros países hoje. Você poderia nos contar um pouquinho, como é que foi essa experiência?

OBBJ: Então, fomos buscar muita informação fora daqui. Eu acho que o que nos deu assim uma diferença no mercado, foi ter essa coragem de buscar informação, então na mesma época que nossa empresa começou, muitas começaram e muitas estão exatamente do tamanho que estavam a 20, 30 anos atrás. E a gente queria entender um pouco mais como funcionava isso, então já em 96, eu me casei em 95, em 96 a minha filha Barbara tinha 6 meses, eu fui fazer um curso em Israel e fiquei 18 dias lá, nos Kibults pra entender como eles lidavam com esta questão da Plasticultura, da Irrigação, do cuidar da planta com alta tecnologia. E voltamos de lá cheio de ideias para poder começar trazer pra região e nunca mais paramos. Então eu tive a oportunidade de conhecer mais de 10 países em feiras, eventos, em Workshops, cursos. Eu acho que esses eventos todos nos ajudaram a entender uma série de coisas. Algumas, muitas coisas nós criamos aqui dentro, então dentro da área da enxertia mesmo, nós somos aí os que trouxeram a técnica para o Brasil e a inovação da técnica, o desenvolvimento da técnica de enxertia de pimentão, nós saímos na frente de muitas empresas no mundo e até hoje somos referência nisso. Então, assim, fizemos muitas viagens que a gente voltou com a mala cheia no sentido de aprender muito e fizemos muitas viagens que a gente olhou e falou: - puxa vida, estamos muito bem aqui, inclusive melhor do que a gente foi ver lá. Mas tudo isso ajudou muito a desenvolver o que a gente tem hoje aqui dentro e conhecimento é uma coisa que não acaba nunca, então todos os dias nós temos que aprender.

JZMP: Exatamente, e assim falando um pouquinho das suas características pessoais. Quais as características ou qualidades suas que você acredita que levaram você a tornar um empreendedor de sucesso?

OBBJ: Vamos lá, eu acho que persistência é uma delas. Eu não acho que eu sou muito teimoso não, porque a minha família, as minhas filhas, falam: - pai você é teimoso. Eu acho que eu sou persistente. Teimoso é aquele cara que dá uma martelada no dedo e vai lá e dá outra pra ver se dói mesmo. Eu acho que eu sou persistente, então eu fico procurando uma forma de fazer dar certo. Eu acho que isso faz tempo que eu sou assim. Em 92 eu comecei com as estufas aqui e, em 94, deu um vendaval que derrubou inclusive onde ali é o posto café, onde é o Grall Café e caíram todas as nossas estufas, não sobrou nenhuma

nada, nada, não sobrou um metro quadrado de plástico. E nós começamos de novo, começamos do zero, porque acreditamos que aquele era o melhor jeito de fazer, e vamos fazer de novo. Então a persistência certamente ajuda muito. A coragem pra ir atrás daquilo que você acredita porque quantas e quantas e quantas vezes a gente ouve de alguma pessoa: - puxa vida, olha aquela esquina ali, aquela esquina, aquele terreno, acho que dava uma padaria ali sabe; nossa e eu sei fazer pão e ali dava uma padaria; e passam 2, 3 anos e alguém monta uma padaria naquela esquina e se dá muito bem e a pessoa olha pra aquilo e fala eu devia ter feito uma padaria, então é ter a coragem de dar o passo, o primeiro passo, e eu acho que essa coragem sempre teve comigo e graças também ao incentivo que eu tive pra isso. Viajar pra Israel em 1996, sem falar nenhuma palavra em nem outro idioma que seja o inglês ou o espanhol num grupo de mais de 30 pessoas todos agrônomos e só eu de técnico. Um país totalmente desconhecido e sem um centavo. Eu fui emprestar no banco, na época, 4.500 dólares, que era 4.500 reais pra poder fazer essa viagem. Então, literalmente foi com a cara e a coragem. Então ter vontade, mas ter coragem e fazer, executar. Eu acho que isso é fundamental.

OBBJ: Estabelecer metas a longo prazo, não tá preocupado; tem muita gente correndo atrás do dinheiro todos os dias. Tem que parar de correr atrás do dinheiro, estabelecer uma meta a longo prazo, fazer o que você gosta e fazer bem feito. Entender que o dinheiro vai ser consequência disso. Ele vai começar a chegar e você também ter a disponibilidade de entender que não é o momento de gastar ele, é o momento de aplicar. Então quando nós começamos a empresa, em 92 eu fiz as estufas, 94 montei uma empresa em sociedade com meu irmão, eu ganhava um salário mínimo por mês, e nós tínhamos um funcionário que era soldador da empresa, que ganhava 5 salários mínimos por mês. Então o cara ganhava 5 vezes mais do que eu e outros funcionários ganhavam o dobro do que eu. Mas, um salário mínimo, na época, eu morava numa casa de tábuas, de parede e meia. Metade era a família de minha irmã, metade era eu a Linea; a Bárbara não tinha nascido ainda, a Linea trabalhava e ganhava seu salário mínimo, também, e eu ganhava o meu. Era o suficiente pra nós dois vivermos, mas o dinheiro que a empresa começou a dar naquele momento, era necessário por de volta na empresa. Quem precisava crescer era a empresa. Então teve esse discernimento de entender que não era o seu momento de gastar.

JZMP: E assim, partindo já para a finalização, eu gostaria que você falasse um pouquinho como que são essas relações com as políticas locais e se elas contribuem para o sucesso do seu empreendimento?

OBBJ: Eu acho assim, pensando de forma local, Santa Cruz é uma cidade abençoada, eu acho que é um ponto fora da curva, então é uma cidade de bons empreendedores e muita

gente boa. Então o fato da gente conhecer todo mundo aqui na cidade, ajuda muito. Poxa, a prefeitura há anos conserva as estradas do município de uma forma que ajuda muito tudo isso, tudo, então pra gente fazer as entregas de mudas. A gente vê que isso não é uma realidade no Brasil todo. A gente entrega mudas em sítios no Rio Grande do Sul ao sul de Minas e não é todo município que tem estradas boas como a nossa, mas pensando de uma forma um pouco mais ampla, de política pública realmente, de órgãos que deveriam atuar nesse setor, infelizmente o Brasil é assim, se o governo não atrapalhasse já era um bom negócio. A questão é que ele atrapalha muito. Então, recentemente nós tivemos no estado de São Paulo uma mudança do ICMS, para produtos da cesta básica, hortaliças como a gente produz, inclusive votados por deputados daqui da região a favor para aumentar o ICMS. Aí o governo fez uma média e tirou, não no estado de São Paulo vai ser isento, mas pra vender para outro estado, a tributação aumentou mais de 40%, então assim, hoje o meu concorrente de mudas do Paraná vende mudas em Santa Cruz do Rio Pardo mais barato do que eu consigo colocar no Paraná, porque o imposto de lá pra cá é menor do que o imposto daqui pra lá. Então, políticas públicas que são planejadas de uma forma equivocada, sem conhecer o conteúdo ou a importância disso para o negócio. Nós somos credenciados no Ministério da Agricultura. São, no Brasil deve ter aí 4 ou 5 mil viveiros de mudas de hortaliças. Deve ter meia dúzia de viveiro credenciado no ministério da agricultura. Nós somos credenciados e nós somos fiscalizados pelo ministério da agricultura, então frequentemente recebemos aqui fiscais federais pra inspecionar se nós estamos fazendo tudo conforme a norma e aí eu pergunto pra eles se eles também fiscalizam outros viveiros, que a gente sabe que produz com semente f2, que o cara tira a semente da roça, produz com broto de planta que ele tira, faz um monte de erros no processo, não tem a sanidade adequada, não tem funcionário registrado, não emite nota fiscal; aí você pergunta para o fiscal se ele fiscaliza esses viveiros, ele fala assim: - não a gente só pode fiscalizar quem está credenciado. Então o Brasil é uma piada pronta, tipo quem paga certo e quem trabalha do jeito certo, é fiscalizado e quem faz errado, só faz errado, e aí eles dizem não ter contingente, não ter pessoas suficientes para fazer essa fiscalização. Então política pública é um tema difícil de discutir porque realmente, não temos.

JZMP: Vou deixar a palavra livre para você, para algumas considerações agora, já de antemão agradecendo novamente a sua disposição, a gente sabe como é a correria de uma empresa deste tamanho que com certeza você está toda hora sendo solicitado e pode estar comigo aqui esse tempo da entrevista.

OBBJ: De forma algum, foi um prazer ter participado, me coloco a disposição sempre que possível, sempre que convidado pela escola agrícola é uma honra poder participar. Confesso que fiquei emocionado em poder falar em nome do colégio agrícola de Santa Cruz do Rio Pardo, porque é um colégio que me traz ótimas lembranças, me trouxe amigos verdadeiros que eu considero como irmãos e pessoas com que a gente se relaciona muito bem até hoje e simplesmente agradecer você pelo convite, os professores que me atenderam na época aí e que suportaram as criancices nossas e nos ajudaram a formar como nós somos hoje. Obrigado mesmo pelo convite.

Descritores

História oral na educação

Empreendedorismo

Empresário

Escola Agrícola

Ministério da Agricultura

Etec Orlando Quagliato

Etec Prof. Pedro Leme Brisolla Sobrinho

Oliveiro Basilio Bassetto Júnior

Janice Zilio Martins Pedroso

Técnico em Agropecuária

Sítio

Cafezal

Geada

Mecânico

Bar

Empresa de mudas

Empresa de irrigação

Noções de Topografia

Construções rurais

Zootecnia

Gestão Financeira

Planejamento Estratégico

Práticas Empreendedoras

Educação Financeira

Formação religiosa

Horticultura
Cooperativa

Dados Biográficos do Entrevistado



Oliveiro Basilio Bassetto Júnior- Nasceu em Santa Cruz do Rio Pardo, em 30 de maio de 1969. Fez o Ensino Fundamental na E.E.P.G. “Sinharinha Camarinha” (1976 a 1984); o Ensino Técnico em Agropecuária Integrado ao Médio na ETAESG Maria Joaquina do Espírito Santo (1985 a 1987) e a Faculdade de Administração de Santa Cruz – OAPEC (2000 a 2004). Foi Trabalhador rural (1980 a 1984); Ajudante de açougue da família (1988); Lavador de carros e ajudante em lanchonete, em Campo Grande/MS (1989); Vendedor e subgerente na Coopanema (antiga Coopirajú) (1990); Supervisor do senso (IBGE) – concursado (1991); Escriturário da prefeitura municipal de Santa Cruz do Rio Pardo – concursado (1991 a 1992); Plasticultor (início das atividades em estufas) (1992 a 1994); Sócio fundador da empresa Estufas Arco Iris – Santa Cruz do Rio Pardo (1994 a 2004), da Hidrocereis Indústria e Comércio Ltda, fundada em 2004 (Empresa especializada em produção de mudas de hortaliças e comércio de sementes e insumos para horticultura. Destaque para a produção de mudas enxertadas, com tecnologia própria. Todo processo é realizado em estufas climatizadas e automatizadas, Brasil Drip Indústria e Comércio Ltda, fundada em 2017, e de Fabricação de mangueiras de irrigação por gotejamento, comércio, importação de exportação de equipamentos de irrigação localizada (Atuamos no segmento de irrigação que mais cresce no mundo devido a necessidade cada vez maior de produção de alimentos. A irrigação por gotejamento consegue uma eficiência de 95%, com aproveitamento maior do uso da água e consequentemente sustentável).

Dados Biográficos da Entrevistadora



Janice Zilio Martins Pedroso - Nascida em Santa Cruz do Rio Pardo, em 04 de junho de 1974. Fez o Ensino Fundamental na EEPG “Sinharinha Camarinha” e o Ensino Médio na EESG “Leônidas do Amaral Vieira” (1990 a 1992). Graduação em Análise de Sistemas na Universidade do Sagrado Coração (1993 a 1996). Licenciatura em Processamento de Dados na Faculdade de Tecnologia de São Paulo (1998). Especialização Latu Sensu em Informática em Educação- Universidade Federal de Lavras (1999 a 2000). Licenciatura Plena em Matemática na Universidade Bandeirantes de São Paulo (2000). Licenciatura Plena em Pedagogia- Faculdade de Pinhais (2008 a 2011). Especialização Latu Sensu em Docência e Pesquisa para o Ensino Superior- Universidade Metropolitana de Santos (2017 a 2018) e Especialização Latu Sensu em Metodologia do Ensino de Matemática- Faculdades Metropolitanas de São Paulo (2019 a 2020). Desde 1997, é professora na Etec Prof. Pedro Leme Brisolla Sobrinho e na Etec Orlando Quagliato. Foi Instrutora de Informática no Senai/Santa Cruz do Rio Pardo (2005 a 2007); Coordenadora de curso (2002 a 2003; 2007 a 2009) e Coordenadora pedagógica (2009 a 2017), ambos na Etec Prof. Pedro Leme Brisolla Sobrinho. Desde 2019, é Coordenadora de curso na Etec Orlando Quagliato. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa- Preservação dos Bens Culturais: História, Memória, Identidade e Educação Patrimonial – Universidade Estadual do Norte Pioneiro, desde 2021.

Anexos (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Oliveira Basilio Bassetto Júnior

Termo de Autorização para uso de Imagem de Oliveira Basilio Bassetto Júnior